

Prosa
afro-brasileira
&
FOTOGRAFIA

Algumas reflexões e práticas docentes



Elielson Figueiredo

Elielson Figueiredo

Prosa Afro-brasileira & Fotografia

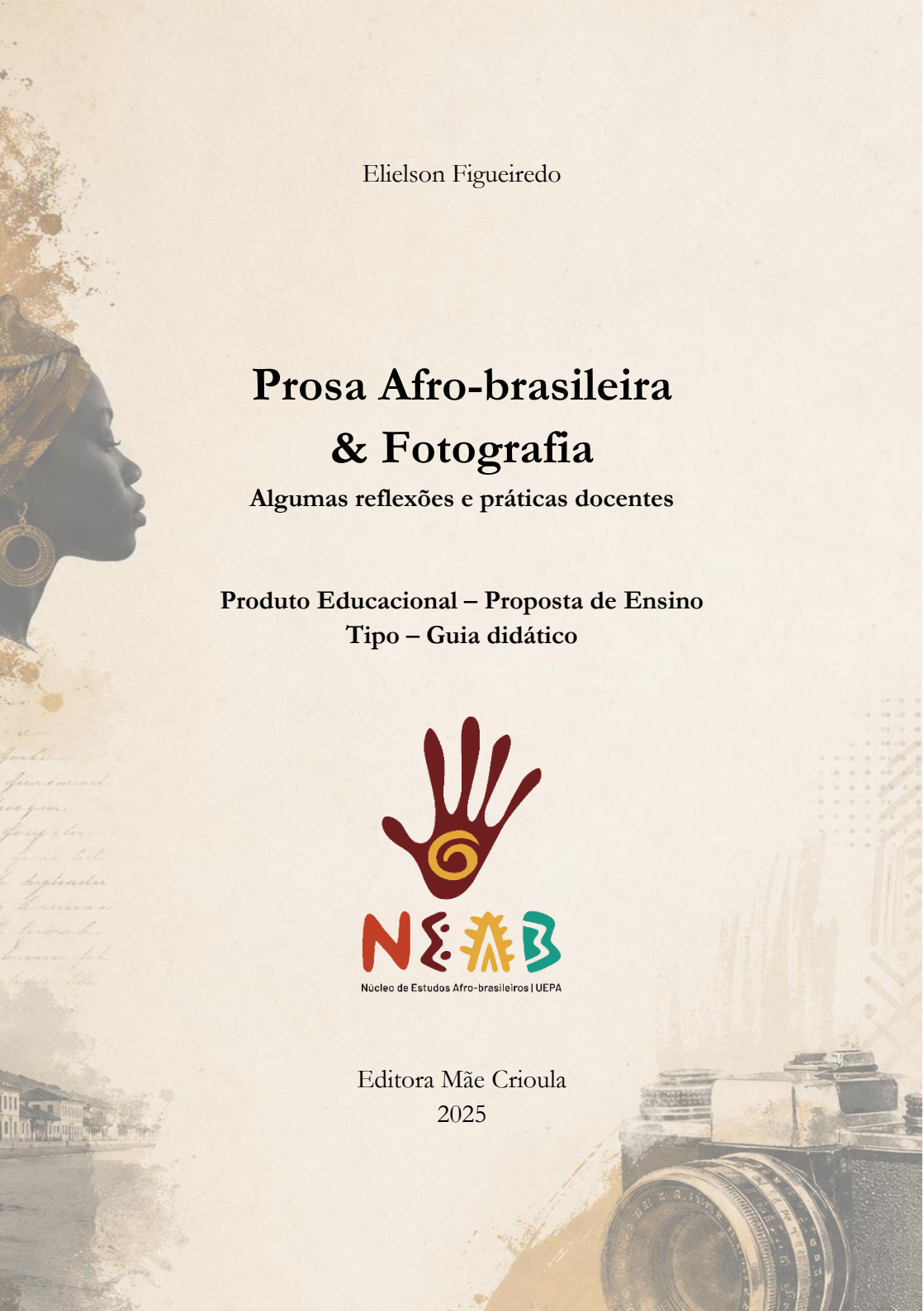
Algumas reflexões e práticas docentes

Produto Educacional – Proposta de Ensino
Tipo – Guia didático



Núcleo de Estudos Afro-brasileiros | UEPA

Editora Mãe Crioula
2025





Universidade do Estado do Pará

Reitor
Vice-Reitora
Pró-Reitora de Graduação
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Pró-Reitor de Extensão
Diretor do CCSE

Clay Anderson Nunes Chagas
Ilma Pastana Ferreira
Acylena Coelho Costa
Luanna de Melo Pereira Fernandes
Higson Rodrigues Coelho
Frederico Bicalho

Conselho Editorial

Profa. Dra. Aline Vieira de Albuquerque - UERJ
Profa. Dra. Marcela Cristiane Ferreira Rêgo - UEPA
Prof. Dra. Edílza Joana Oliveira Fontes - UFPA
Prof. Dr. Raimundo Santos de Castro - IFMA
Prof. Dr. Ronaldo Barros Ripardo - UNIFESSPA
Prof. Dr. Saulo Furletti - IFMG

Projeto Gráfico e Diagramação

Emerson Batista Gomes

DOI: 10.5281/zenodo.20005103

Revisão Gramatical e Ortográfica

Ana Maria de Carvalho

Revisão Técnica

Aiala Colares Oliveira Couto
Ronilson Freitas de Souza

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Figueiredo, Elielson

Prosa afro-brasileira & fotografia [livro eletrônico] : algumas reflexões e práticas docentes / Elielson Figueiredo. -- 1. ed. -- Belém, PA : Instituto Mãe Crioula, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-65-989454-9-7

1. Africanidade 2. Antirracismo - Brasil 3. Artes visuais 4. Ciências humanas 5. Professores - Formação 6. Relações étnico-raciais I. Título.

26-356963.0

CDD-306.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Relações étnico-raciais : Sociologia educacional
306.43

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.



Sobre o autor

Elielson de Souza Figueiredo

Doutor e Mestre em Estudos Literários (PPGEL-UFPA), Professor Adjunto do Departamento de Línguas e Literaturas (UEPA) e coordenador da Linha de Pesquisa “Tendências do Romance Contemporâneo no Brasil e na América Latina” vinculada ao Grupo de Pesquisa LAESP – Linguagens Artísticas e Estilos Poéticos.

E-mail: elielson@uepa.br

ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9943163443684554>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3934-4903>

*em
fontes
fornecidas
região
proprietários
para obter
a distância
a distância
a distância
a distância
a distância
a distância*



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Categoria e tipo deste produto e: Sequência Didática.

Nome do produto: Prosa Afro-brasileira & Fotografia: algumas reflexões e práticas docentes / Afro-Brazilian Prose & Photography: some reflections and teaching practices.

Origem do Produto: Produto Educacional derivado de Planejamento e Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – da Universidade do Estado do Pará./ Educational Product derived from the Planning and Revision of the Pedagogical Project of the Literature Program – Portuguese Language Track – at the State University of Pará.

Público-alvo: Professores de Língua Portuguesa; de História; de Artes; de Sociologia e de Geografia na Educação Básica; estudantes de Licenciatura em Letras, Artes plásticas; Ciências Sociais; Geografia e História interessados em abordagens multidisciplinares.

Finalidade: Este Produto Educacional tem a finalidade de propor textos e atividades didáticas a partir de reflexões multidisciplinares, tais atividades permitem o desenvolvimento autônomo dos estudantes e a cooperação entre docentes das áreas de Linguagem, Artes e Ciências Humanas.

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Médio e Formação docente inicial e continuada.

Caráter inovador do PE: Médio caráter inovador por compilar análise literária; análise semiótica de texto visual e atividades didáticas aplicadas ao contexto sociopolítico racializado no Brasil e ao diálogo multidisciplinar envolvendo as áreas de Linguagem, Arte e de Ciências Humanas.

Setor da Sociedade beneficiado pelo impacto: Educação

Cidade/País: Belém/Brasil.

Ano: 2025.

Sumário

Apresentação	8
Marcelino Freire: a retratação das margens	9
O Mestre do Conto e da Oralidade	9
O "Provocador" da Literatura Independente	10
A Literatura que se ouve	10
Walter Firmo: entre o contraste e a cor	11
A Gênese no preto e branco: o cotidiano como documento	11
O Retrato Social e a Estética do Barroco	11
A Dignidade da Negritude em Tons de Cinza	12
A Transição para a Cor	12
Escrivências imaginativas.	13
Múltiplos horizontes de leitura.	13
A potência da palavra	15
Por que a imagem?	16
A sutura do arquivo	18
A poética da aceleração	18
Prática didática: produção autoral multimodal	21
Prática didática: arqueologia da memória familiar	22
A imaginação colonizada	23
Ficção e representatividade	24
Pathos vs Práxis	25
Prática de didática: análise de discursos midiáticos	28
Sob outra lente.	30
Algumas coisas são mais urgentes	32
O exílio presente	34
Prática didática: consumo, identidade e território	37
A pergunta que exige resposta	38
Xuxa no morro	39
Prática didática: o brinquedo como objeto semiótico	41
Referências	43

Apresentação

O presente Produto Educacional, intitulado "**Prosa Afro-brasileira & Fotografia**", constitui-se como uma ferramenta pedagógica de alta relevância para o cenário educacional contemporâneo. Esta obra foi concebida sob uma perspectiva multidisciplinar, integrando os campos da Literatura, das Artes Visuais e das Ciências Humanas, com o objetivo de oferecer subsídios teóricos e práticos para a implementação das diretrizes curriculares nacionais voltadas às relações étnico-raciais.

Para o docente em exercício e, primordialmente, para o professor em formação, este material apresenta-se como um guia metodológico que transpõe a teoria acadêmica para a práxis de sala de aula. Através de uma abordagem fundamentada na análise das estruturas sociais e na afirmação identitária, o livro propõe atividades didáticas que utilizam a estética literária e fotográfica como vetores de compreensão da realidade brasileira. O foco reside no desenvolvimento de multiletramentos, permitindo que o estudante atue como protagonista na interpretação e produção de sentidos sobre sua própria história e território.

A proposta alinha-se rigorosamente às competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e às legislações que regem a Educação Escolar Quilombola, promovendo um ensino que valoriza a diversidade e fomenta o pensamento crítico. Ao adotar este material, a instituição de ensino assegura uma abordagem pedagógica propositiva, capaz de promover a equidade e o reconhecimento das potências culturais afro-brasileiras no ambiente escolar.

Marcelino Freire: a retratação das margens

Nascido em 1967 em Sertânia, Pernambuco, Marcelino Freire viveu em Paulo Afonso (BA) e no Recife antes de se fixar em São Paulo, em 1991. Essa migração geográfica reflete-se em sua obra: um trânsito constante entre o regionalismo nordestino e o caos urbano da maior metrópole do país. Formado em Jornalismo, Marcelino sempre viveu "entre as letras", atuando como escritor, dramaturgo e ativista cultural.



O Mestre do Conto e da Oralidade

Marcelino consolidou sua carreira como um dos maiores contistas da sua geração. Sua escrita é marcada por uma sonoridade intensa, quase performática, que bebe diretamente da tradição oral. Uma breve cronologia nos oferece: *Angu de Sangue* (2000): Obra que o projetou nacionalmente, trazendo contos viscerais sobre a exclusão social; *Contos Negreiros* (2005): Livro vencedor do Prêmio Jabuti, onde Marcelino explora as feridas da escravidão moderna e a identidade negra com uma linguagem crua e poética e *Nossos Ossos* (2013): Seu primeiro romance, também vencedor do Prêmio Machado de Assis, que narra a jornada de um dramaturgo para enterrar um jovem prostituto em sua terra natal.

O "Provocador" da Literatura Independente

A relevância de Marcelino Freire vai muito além dos livros que escreve. Ele é um dos maiores pilares da democratização da literatura no Brasil hoje. Fundador da Balada Literária, evento que ocorre desde 2006 na Vila Madalena (SP), Marcelino criou um espaço de encontro que ignora hierarquias acadêmicas, celebrando autores consagrados e novos talentos em bares, livrarias e centros culturais.

Sua obra dá voz a personagens invisibilizados — prostitutas, homossexuais, retirantes e marginalizados — sem nunca cair no assistencialismo, mas conferindo-lhes uma dignidade linguística única. Através de suas oficinas, ele formou e incentivou uma nova leva de escritores brasileiros, fortalecendo a rede da literatura independente.

A Literatura que se ouve

O texto de Marcelino é "curto, grosso e cortante". Ele utiliza frases breves, pontuação rítmica e uma estética que se aproxima do teatro e da poesia. Não se lê Marcelino Freire apenas com os olhos; lê-se com o fôlego. Suas narrativas são frequentemente adaptadas para os palcos, dada a força dramática de seus diálogos e monólogos, como se verá adiante. Os diálogos não fluem com melodia, mas batem como marteladas. A frase é rápida e direta, quase antipoética, como os fatos da vida.

Walter Firmo: entre o contraste e a cor

A Gênese no preto e branco: o cotidiano como documento

Antes de se tornar o "mestre das cores", Walter Firmo forjou seu olhar no rigor do preto e branco das redações de jornais como o *Jornal do Brasil* e *Última Hora*. Nessa fase, sua fotografia não era apenas informativa, mas uma busca pela textura do cotidiano.

Em P&B, Firmo capturou a dureza e a poesia das ruas, utilizando o alto contraste para destacar a pele, o suor e a arquitetura humana do Rio de Janeiro. É no preto e branco que ele realiza sua histórica reportagem

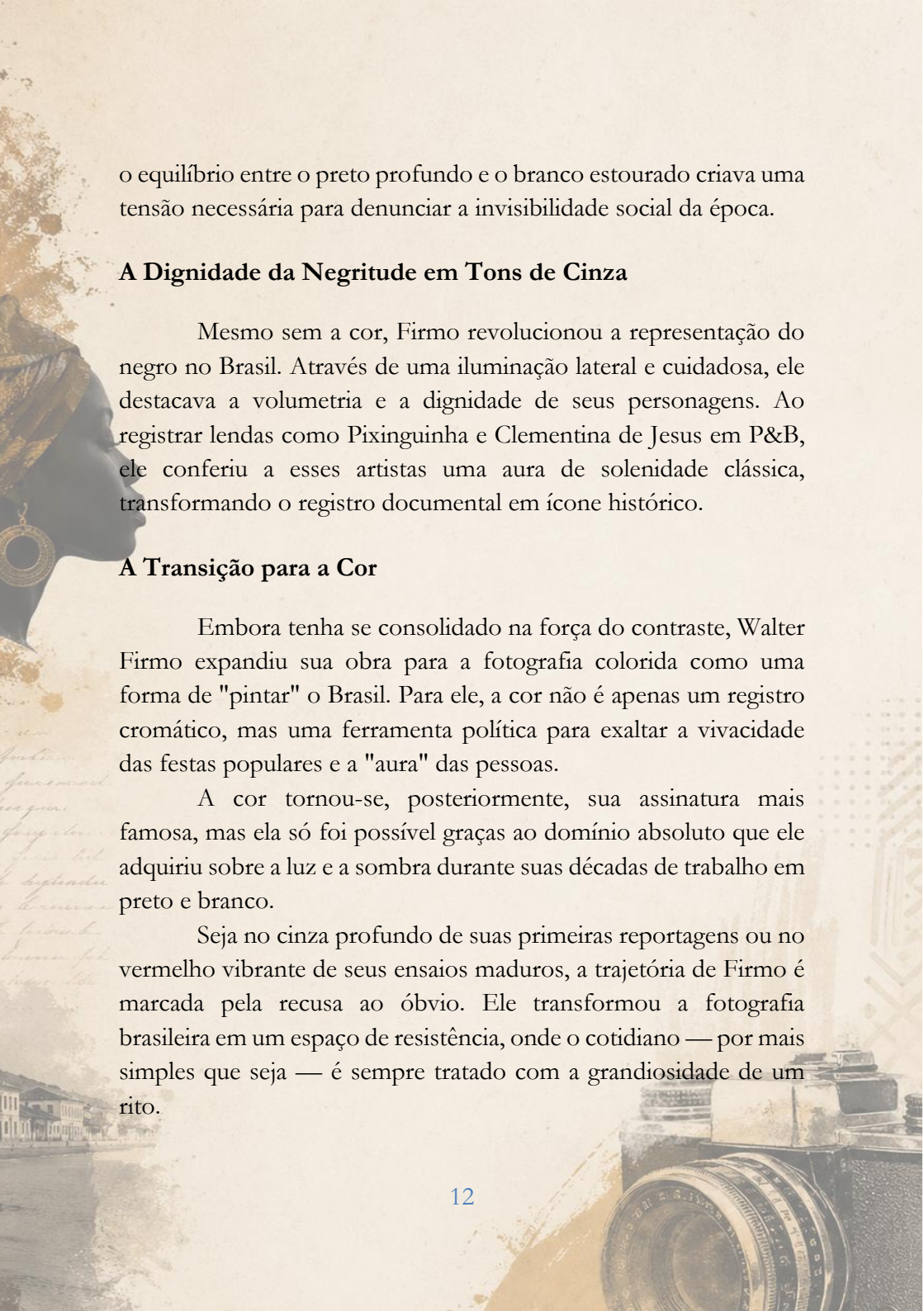
"Cem Dias na Amazônia de Ninguém" (1967), onde a ausência da cor serviu para acentuar o isolamento, a fumaça das queimadas e a profundidade dramática das populações ribeirinhas.



O Retrato Social e a Estética do Barroco

A importância de sua fase em P&B reside na capacidade de "esculpir com a luz". Firmo utilizava as sombras para criar uma atmosfera quase barroca, onde o silêncio da imagem falava mais alto que qualquer ruído visual.

Suas fotos de trabalhadores, crianças e festas populares em preto e branco revelam uma técnica apurada de composição, onde



o equilíbrio entre o preto profundo e o branco estourado criava uma tensão necessária para denunciar a invisibilidade social da época.

A Dignidade da Negritude em Tons de Cinza

Mesmo sem a cor, Firmo revolucionou a representação do negro no Brasil. Através de uma iluminação lateral e cuidadosa, ele destacava a volumetria e a dignidade de seus personagens. Ao registrar lendas como Pixinguinha e Clementina de Jesus em P&B, ele conferiu a esses artistas uma aura de solenidade clássica, transformando o registro documental em ícone histórico.

A Transição para a Cor

Embora tenha se consolidado na força do contraste, Walter Firmo expandiu sua obra para a fotografia colorida como uma forma de "pintar" o Brasil. Para ele, a cor não é apenas um registro cromático, mas uma ferramenta política para exaltar a vivacidade das festas populares e a "aura" das pessoas.

A cor tornou-se, posteriormente, sua assinatura mais famosa, mas ela só foi possível graças ao domínio absoluto que ele adquiriu sobre a luz e a sombra durante suas décadas de trabalho em preto e branco.

Seja no cinza profundo de suas primeiras reportagens ou no vermelho vibrante de seus ensaios maduros, a trajetória de Firmo é marcada pela recusa ao óbvio. Ele transformou a fotografia brasileira em um espaço de resistência, onde o cotidiano — por mais simples que seja — é sempre tratado com a grandiosidade de um rito.

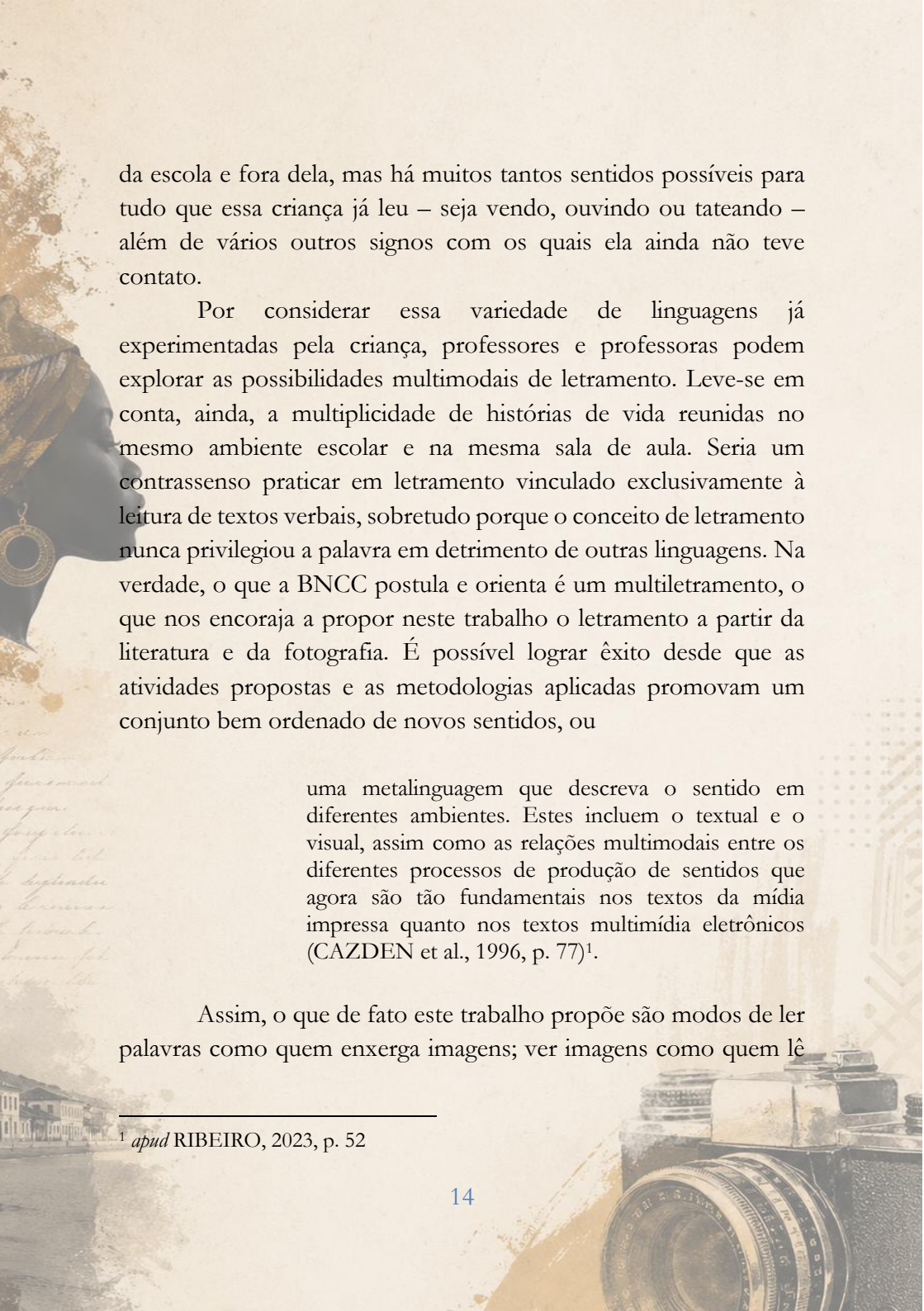
Escrevivências imaginativas

O conceito de "**Escrevivências Imaginativas**" surge aqui como uma ampliação da categoria cunhada por Conceição Evaristo, fundindo a experiência vivida com a potência da fabulação literária e visual. Não se trata apenas de documentar o real, mas de exercer uma imaginação política capaz de rasurar as narrativas colonizadoras que historicamente confinaram a população negra a estereótipos de servidão ou criminalidade.

Neste tópico, a literatura afro-brasileira e a fotografia são compreendidas como um vetor de "arqueologia dos afetos". Ao escrever e fotografar, os autores realizam uma mediação entre o trauma do exílio ancestral e as urgências do presente urbano. A "escrevivência" torna-se "imaginativa" quando transgride os limites do factual para inventar novas possibilidades de existência materializadas na imagem – seja ela verbal ou visual. É nesse espaço de invenção que a palavra e a imagem se encontram para denunciar a violência institucional e restaurar a humanidade dos sujeitos que foram sistematicamente desumanizados.

Múltiplos horizontes de leitura.

Quando recebemos crianças nas escolas não temos o papel de lhes ensinar a ler o mundo, afinal elas já carregam consigo perspectivas, modos de compreender os signos conhecidos e maneiras de dizer como leem os acontecimentos, os gestos e até o silêncio. Contudo, temos o compromisso de conduzir processos mediadores de construção e ampliação de sentido. Um universo amplo de signos verbais e sensoriais cerca essas crianças muito antes



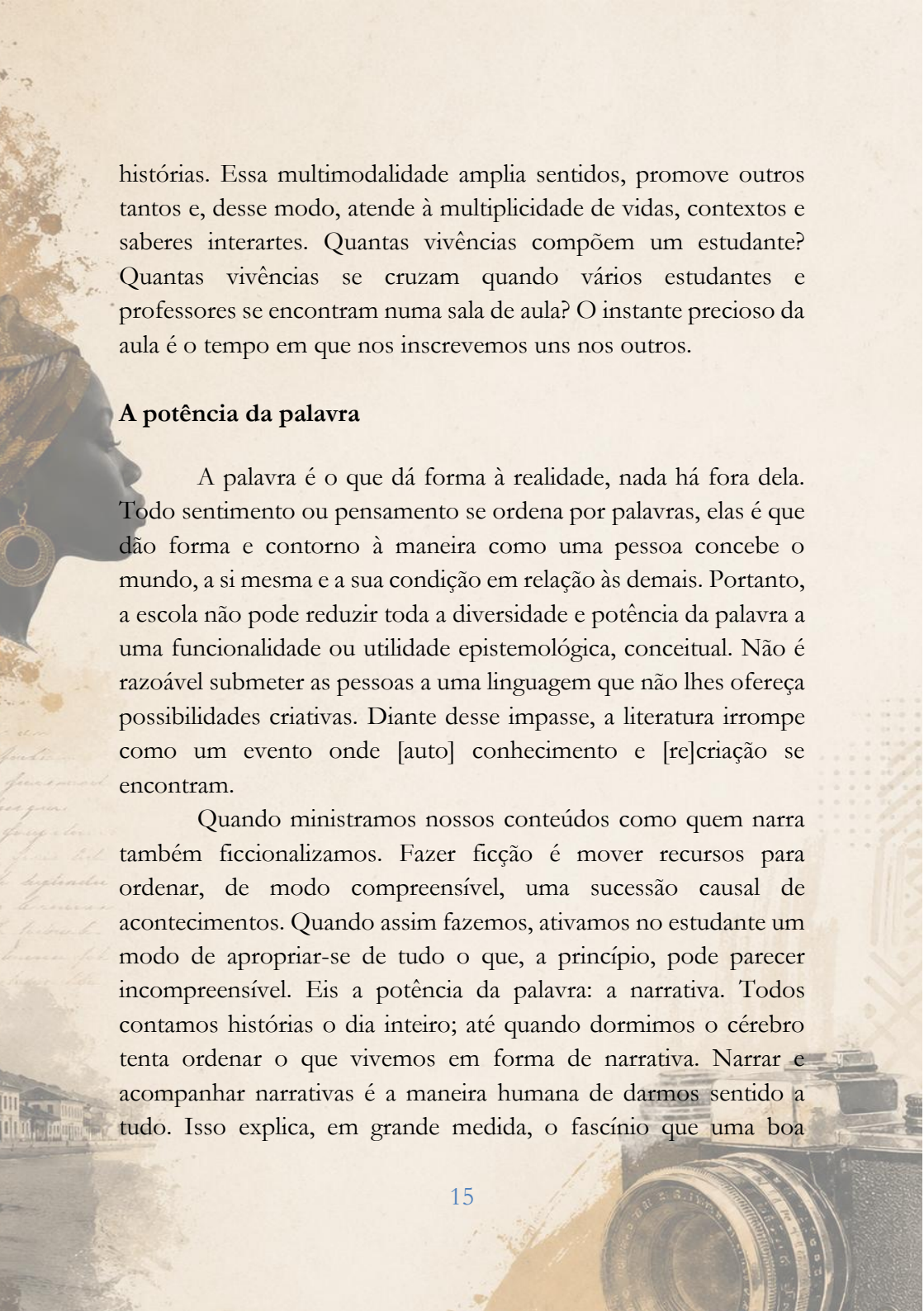
da escola e fora dela, mas há muitos tantos sentidos possíveis para tudo que essa criança já leu – seja vendo, ouvindo ou tateando – além de vários outros signos com os quais ela ainda não teve contato.

Por considerar essa variedade de linguagens já experimentadas pela criança, professores e professoras podem explorar as possibilidades multimodais de letramento. Leve-se em conta, ainda, a multiplicidade de histórias de vida reunidas no mesmo ambiente escolar e na mesma sala de aula. Seria um contrassenso praticar em letramento vinculado exclusivamente à leitura de textos verbais, sobretudo porque o conceito de letramento nunca privilegiou a palavra em detrimento de outras linguagens. Na verdade, o que a BNCC postula e orienta é um multiletramento, o que nos encoraja a propor neste trabalho o letramento a partir da literatura e da fotografia. É possível lograr êxito desde que as atividades propostas e as metodologias aplicadas promovam um conjunto bem ordenado de novos sentidos, ou

uma metalinguagem que descreva o sentido em diferentes ambientes. Estes incluem o textual e o visual, assim como as relações multimodais entre os diferentes processos de produção de sentidos que agora são tão fundamentais nos textos da mídia impressa quanto nos textos multimídia eletrônicos (CAZDEN et al., 1996, p. 77)¹.

Assim, o que de fato este trabalho propõe são modos de ler palavras como quem enxerga imagens; ver imagens como quem lê

¹ *apud* RIBEIRO, 2023, p. 52

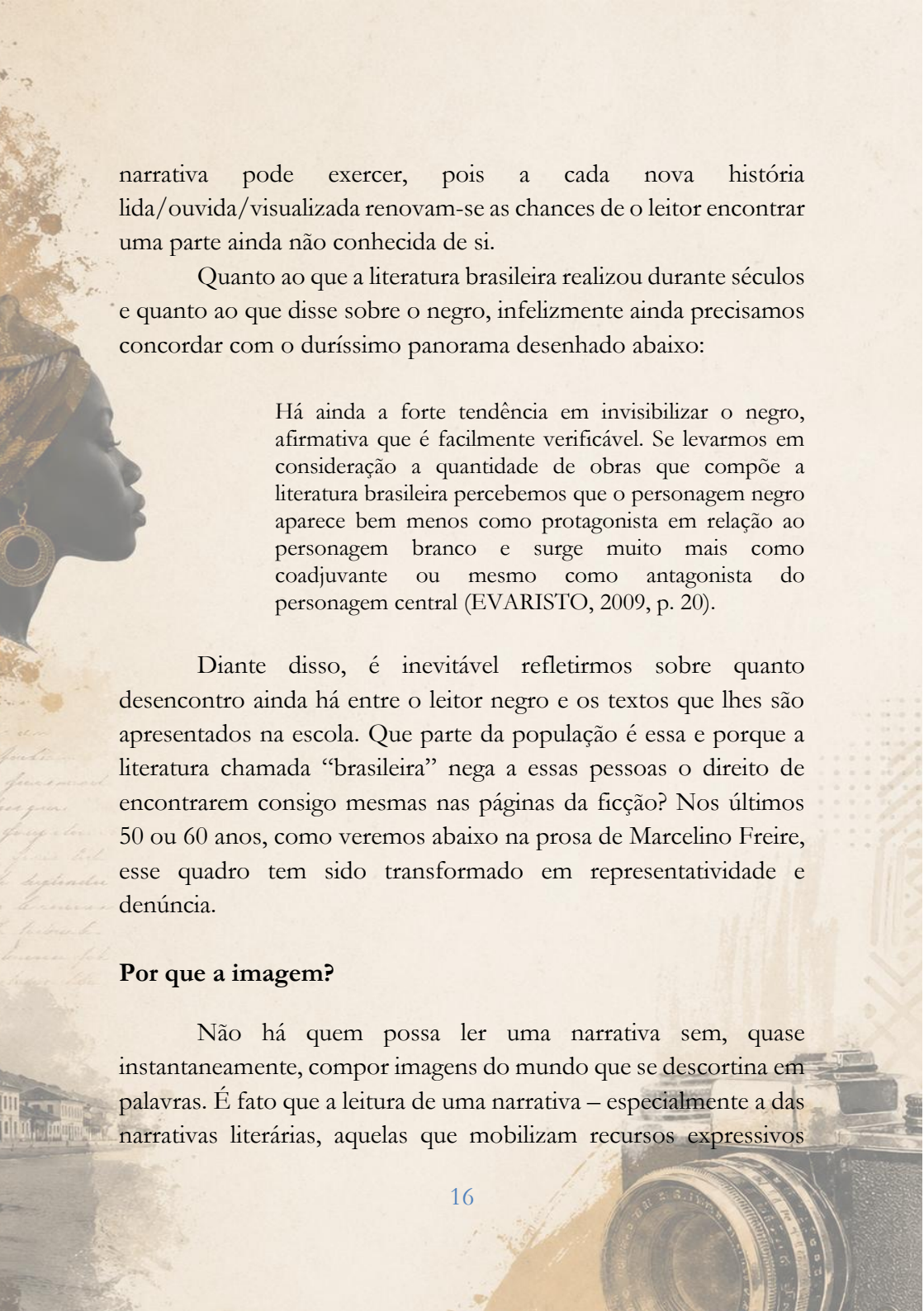


histórias. Essa multimodalidade amplia sentidos, promove outros tantos e, desse modo, atende à multiplicidade de vidas, contextos e saberes interartes. Quantas vivências compõem um estudante? Quantas vivências se cruzam quando vários estudantes e professores se encontram numa sala de aula? O instante precioso da aula é o tempo em que nos inscrevemos uns nos outros.

A potência da palavra

A palavra é o que dá forma à realidade, nada há fora dela. Todo sentimento ou pensamento se ordena por palavras, elas é que dão forma e contorno à maneira como uma pessoa concebe o mundo, a si mesma e a sua condição em relação às demais. Portanto, a escola não pode reduzir toda a diversidade e potência da palavra a uma funcionalidade ou utilidade epistemológica, conceitual. Não é razoável submeter as pessoas a uma linguagem que não lhes ofereça possibilidades criativas. Diante desse impasse, a literatura irrompe como um evento onde [auto] conhecimento e [re]criação se encontram.

Quando ministramos nossos conteúdos como quem narra também ficcionalizamos. Fazer ficção é mover recursos para ordenar, de modo compreensível, uma sucessão causal de acontecimentos. Quando assim fazemos, ativamos no estudante um modo de apropriar-se de tudo o que, a princípio, pode parecer incompreensível. Eis a potência da palavra: a narrativa. Todos contamos histórias o dia inteiro; até quando dormimos o cérebro tenta ordenar o que vivemos em forma de narrativa. Narrar e acompanhar narrativas é a maneira humana de darmos sentido a tudo. Isso explica, em grande medida, o fascínio que uma boa



narrativa pode exercer, pois a cada nova história lida/ouvida/visualizada renovam-se as chances de o leitor encontrar uma parte ainda não conhecida de si.

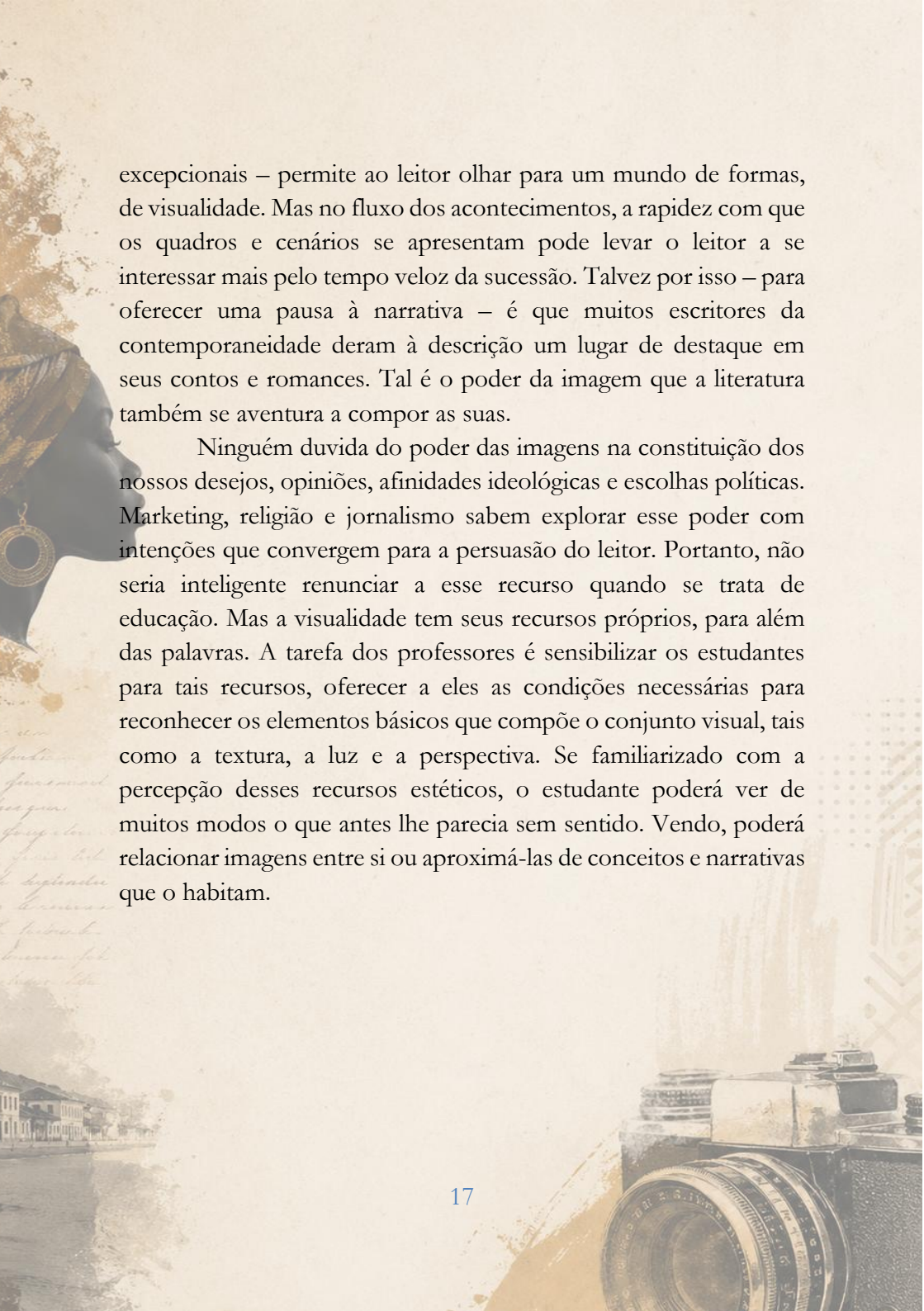
Quanto ao que a literatura brasileira realizou durante séculos e quanto ao que disse sobre o negro, infelizmente ainda precisamos concordar com o duríssimo panorama desenhado abaixo:

Há ainda a forte tendência em invisibilizar o negro, afirmativa que é facilmente verificável. Se levarmos em consideração a quantidade de obras que compõe a literatura brasileira percebemos que o personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central (EVARISTO, 2009, p. 20).

Diante disso, é inevitável refletirmos sobre quanto desencontro ainda há entre o leitor negro e os textos que lhes são apresentados na escola. Que parte da população é essa e porque a literatura chamada “brasileira” nega a essas pessoas o direito de encontrarem consigo mesmas nas páginas da ficção? Nos últimos 50 ou 60 anos, como veremos abaixo na prosa de Marcelino Freire, esse quadro tem sido transformado em representatividade e denúncia.

Por que a imagem?

Não há quem possa ler uma narrativa sem, quase instantaneamente, compor imagens do mundo que se descortina em palavras. É fato que a leitura de uma narrativa – especialmente a das narrativas literárias, aquelas que mobilizam recursos expressivos



excepcionais – permite ao leitor olhar para um mundo de formas, de visualidade. Mas no fluxo dos acontecimentos, a rapidez com que os quadros e cenários se apresentam pode levar o leitor a se interessar mais pelo tempo veloz da sucessão. Talvez por isso – para oferecer uma pausa à narrativa – é que muitos escritores da contemporaneidade deram à descrição um lugar de destaque em seus contos e romances. Tal é o poder da imagem que a literatura também se aventura a compor as suas.

Ninguém duvida do poder das imagens na constituição dos nossos desejos, opiniões, afinidades ideológicas e escolhas políticas. Marketing, religião e jornalismo sabem explorar esse poder com intenções que convergem para a persuasão do leitor. Portanto, não seria inteligente renunciar a esse recurso quando se trata de educação. Mas a visualidade tem seus recursos próprios, para além das palavras. A tarefa dos professores é sensibilizar os estudantes para tais recursos, oferecer a eles as condições necessárias para reconhecer os elementos básicos que compõem o conjunto visual, tais como a textura, a luz e a perspectiva. Se familiarizado com a percepção desses recursos estéticos, o estudante poderá ver de muitos modos o que antes lhe parecia sem sentido. Vendo, poderá relacionar imagens entre si ou aproximá-las de conceitos e narrativas que o habitam.

A sutura do arquivo

Na cultura brasileira, o corpo negro é fortemente destituído de sua ancestralidade e violentamente estereotipado. A libido, a violência anárquica, a preguiça e a força física costumam ser os estereótipos redutores usados dizer que o negro é incivilizado. Quando a negritude é associada a uma fisiologia do instinto, o objetivo ideológico dessa operação é anular a potência política do corpo negro. É por exclusão que o negro é relegado ao lugar mais marginalizado da *polis*, onde o racismo tenta silenciar suas experiências e sua história como quem destrói o Arquivo dos seus registros afetivos pelo silenciamento.

Para resistir a esse apagamento, a literatura afro-brasileira contemporânea tem sido um ativo de ressignificação e denúncia que mobiliza recursos expressivos com intencionalidade estética e política. Pela expressividade, os modos de narrar são frequentemente convocados a deslocar a imagem do corpo negro de volta à cena do debate político. É como se a literatura afro-brasileira contemporânea houvesse convertido suas páginas numa tribuna, de onde se podem ouvir os que finalmente podem falar de si mesmos. Como quem reúne as partes do Arquivo de suas memórias históricas e afetivas, suturando os fios rompidos pelos discursos hegemônicos, narradores e personagens dos séculos XX e XXI desempenham papel estético e político.

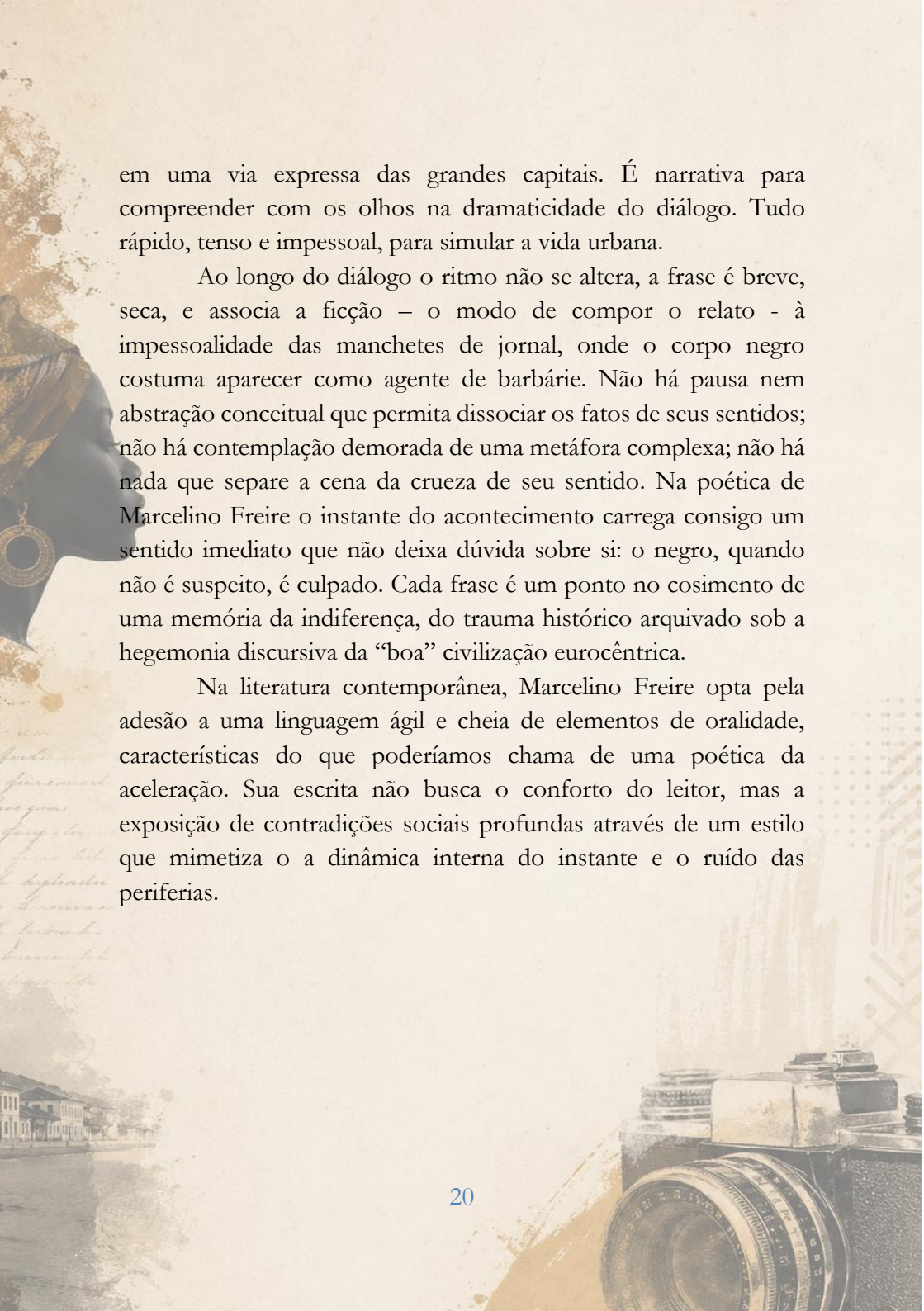
A poética da aceleração

Para tratar desse trabalho da arte, a discussão sobre os *Contos Negreiros* (2005), de Marcelino Freire, é valiosa. A concisão dos

relatos permite experimentar a velocidade das ruas como um lampejo de câmera fotográfica; os diálogos carregam falas como se fossem dados cruzados ou *pixels* que resultam numa nitidez imagética:

- Não quero.
- Hã?
- Já disse que não quero.
- O quê?
- Chocolate.
- Chocolate?
- Você quer me vender chocolate, não é?
- Que chocolate, minha senhora?!!
- Bala-chiclete?
- [...]
- Isso é um assalto, não tá vendo?
- Onde?
- Aqui dentro do ônibus.
- E porque você não faz alguma coisa?
- [...]
- Essa velha é doida! (FREIRE, 2005, pp. 45-46)

Rápida como a vida urbana, a cena dá fluxo ao enredo, mas também enquadramento visual. Quem lê o relato também o ouve e vê. Na cena acima, a mulher projeta sobre o homem negro a imagem internalizada de um mentiroso vitimista, de alguém cuja índole leva à preguiça e à fraude com o objetivo de ganhar dinheiro fácil. A indiferença é maior que o medo, inclusive a ponto de ela não acreditar no assalto. Tudo exposto no espaço do transporte público,



em uma via expressa das grandes capitais. É narrativa para compreender com os olhos na dramaticidade do diálogo. Tudo rápido, tenso e impessoal, para simular a vida urbana.

Ao longo do diálogo o ritmo não se altera, a frase é breve, seca, e associa a ficção – o modo de compor o relato - à impessoalidade das manchetes de jornal, onde o corpo negro costuma aparecer como agente de barbárie. Não há pausa nem abstração conceitual que permita dissociar os fatos de seus sentidos; não há contemplação demorada de uma metáfora complexa; não há nada que separe a cena da crueza de seu sentido. Na poética de Marcelino Freire o instante do acontecimento carrega consigo um sentido imediato que não deixa dúvida sobre si: o negro, quando não é suspeito, é culpado. Cada frase é um ponto no cosimento de uma memória da indiferença, do trauma histórico arquivado sob a hegemonia discursiva da “boa” civilização eurocêntrica.

Na literatura contemporânea, Marcelino Freire opta pela adesão a uma linguagem ágil e cheia de elementos de oralidade, características do que poderíamos chamar de uma poética da aceleração. Sua escrita não busca o conforto do leitor, mas a exposição de contradições sociais profundas através de um estilo que mimetiza o a dinâmica interna do instante e o ruído das periferias.

Prática didática: produção autoral multimodal

Título da atividade: Legendas da resistência

Objetivo: Desenvolver a capacidade de síntese entre a leitura literária e a expressão visual, promovendo o protagonismo juvenil.

A quem interessa: professores de Artes e de Língua Portuguesa.

Referência	Detalhamento
BNCC	EM13LGG301 - Participar de práticas de produção colaborativa de textos em diferentes gêneros e mídias, utilizando adequadamente recursos linguísticos, multissemióticos e tecnológicos, considerando a situação comunicativa e o contexto de circulação
Legislação	Lei nº 10.639/03 (Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira).
Atividade	Criação de ensaios fotográficos digitais que dialoguem com trechos selecionados de <i>Contos Negreiros</i> .
Justificativa	Fortalece a identidade e o pertencimento, permitindo que o estudante utilize a tecnologia (celular) para registrar sua própria estética de resistência.
Metodologia	Estimule os estudantes a criar ensaios fotográficos autorais (usando celulares) que dialoguem com as narrativas de <i>Contos negreiros</i> .
Resultado esperado	Exposição digital ou física de fotografias com legendas autorais que ressignifiquem a obra literária.

Prática didática: arqueologia da memória familiar

Título da atividade: Memória dos afetos

Objetivo: Valorizar saberes, tradições e narrativas não documentadas em arquivos oficiais, fortalecendo o vínculo com a ancestralidade a fim de resistir ao apagamento dos arquivos/registros da identidade.

A quem interessa: professores de Sociologia e de Língua Portuguesa

Referência	Detalhamento
BNCC	(EM13CHS102) - identificar, analisar e discutir a formação de identidades e memórias nas sociedades, reconhecendo os conflitos, os elementos de continuidade e mudança e os diferentes agentes envolvidos na produção e preservação dessas narrativas.
Legislação	Resolução CNE/CEB nº 8/2012 (Diretrizes para Educação Escolar Quilombola).
Atividade	Montagem de um "Arquivo de Afetos" em formato de livro artesanal que, posteriormente possa ser digitalizado.
Justificativa	A atividade promove a arqueologia dos afetos, essencial para comunidades que tiveram suas histórias silenciadas pelos arquivos oficiais
Metodologia	Os participantes devem entrevistar familiares negros acerca de questões formuladas a partir da leitura dos contos. Após, as repostas devem ser convertidas em narrativa ficcional.

**Resultado
esperado**

Produção de um memorial coletivo da turma, destacando trajetórias de resiliência e saberes locais.

A imaginação colonizada

Nossa rainha, um dos contos negreiros de Marcelino Freire, começa com o discurso indireto do narrador:

Mãe, eu quero ser Xuxa. Mas minha filha. Eu quero ser Xuxa. A menina não tem nem nove anos, fica tagarelando com as bonecas. Com as pedras do morro. Eu quero ser Xuxa. Mas minha filha. (FREIRE, 2005, p. 73)

O narrador reproduz um diálogo recorrente onde se “ouve” a filha repetir à mãe que quer ser Xuxa. Mais do que uma superficial denúncia do fanatismo infantil pela “rainha loira”, o que está em questão aqui é a construção do estereótipo da branquitude associada ao arquétipo da realeza transcendente. Aliás, vale dizer que em seu programa de TV, veiculado pela Rede Globo entre as décadas de 1980 e 2000, Xuxa chegava ao palco em uma nave espacial, o que lhe conferia sentido de divindade atemporal, de alguém de mundos distantes – e melhores, certamente.

O impacto desse imaginário branco sobre a criança é revelado pelo recurso à reiteração: “vivia dizendo, a quem fosse: eu quero ser Xuxa. Que coisa! Que doença! Ainda era muito pequena” (*idem*, p. 73). Claramente, a mãe mostra que reprova o desejo da filha. Um desejo tão obstinado chega a ser doentio quando se é tão pequena. Contudo, o “ainda” mostra que aos olhos da mãe o problema maior era a precocidade, não o desejo em si. O arquétipo

da eternal rainha branca e loira também atravessa o imaginário materno.

Ficção e representatividade

A postura da mãe é acrítica e sugere uma sujeição ao poderoso imaginário associado ao que seja puro, inocente, belo e, sobretudo, superior. A respeito desse poder de representatividade que a literatura possui, um depoimento muito significativo merece ser citado:

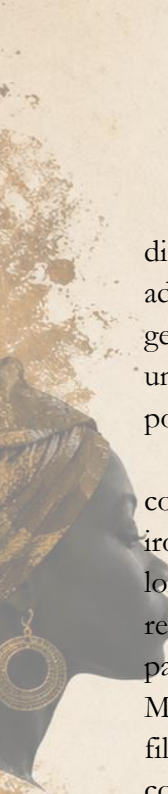
Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos.

Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade — textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler —, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído.

Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade.

[...]

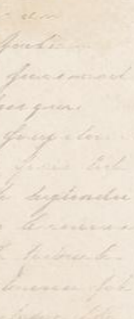
Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram minha imaginação. Abriam mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. (ADICHIE, 2019, pp. 7-8)



Chimamanda Ngozi Adichi cita a própria biografia para dizer os efeitos que a ficção produz na cosmovisão de crianças e de adolescentes. Uma literatura sem representatividade negra costuma gerar no leitor um alheamento de si cujo efeito, a médio prazo, é uma consciência subalternizada. Nessa circunstância se vê o peso político da leitura literária na escola.

A esse respeito, o conto de Marcelino Freire nos mostra como o cotidiano de quem mora nas comunidades periféricas ironiza o mito do reino encantado governado pela rainha branca e loira. Ao contrário do mito, onde os moradores do reino costumam receber as benevolências da rainha, no texto de Marcelino os súditos pagam caro pelo direito a vê-la. “A mãe já vivia da ajuda do povo. Mas tinha de levar a menina ao cinema. Toda vez que aparecia um filme novo” (FREIRE, 2005, p. 73). O problema da perda da consciência de pertencimento será foco da próxima seção, que trata de como bens culturais moldam as percepções de identidade.

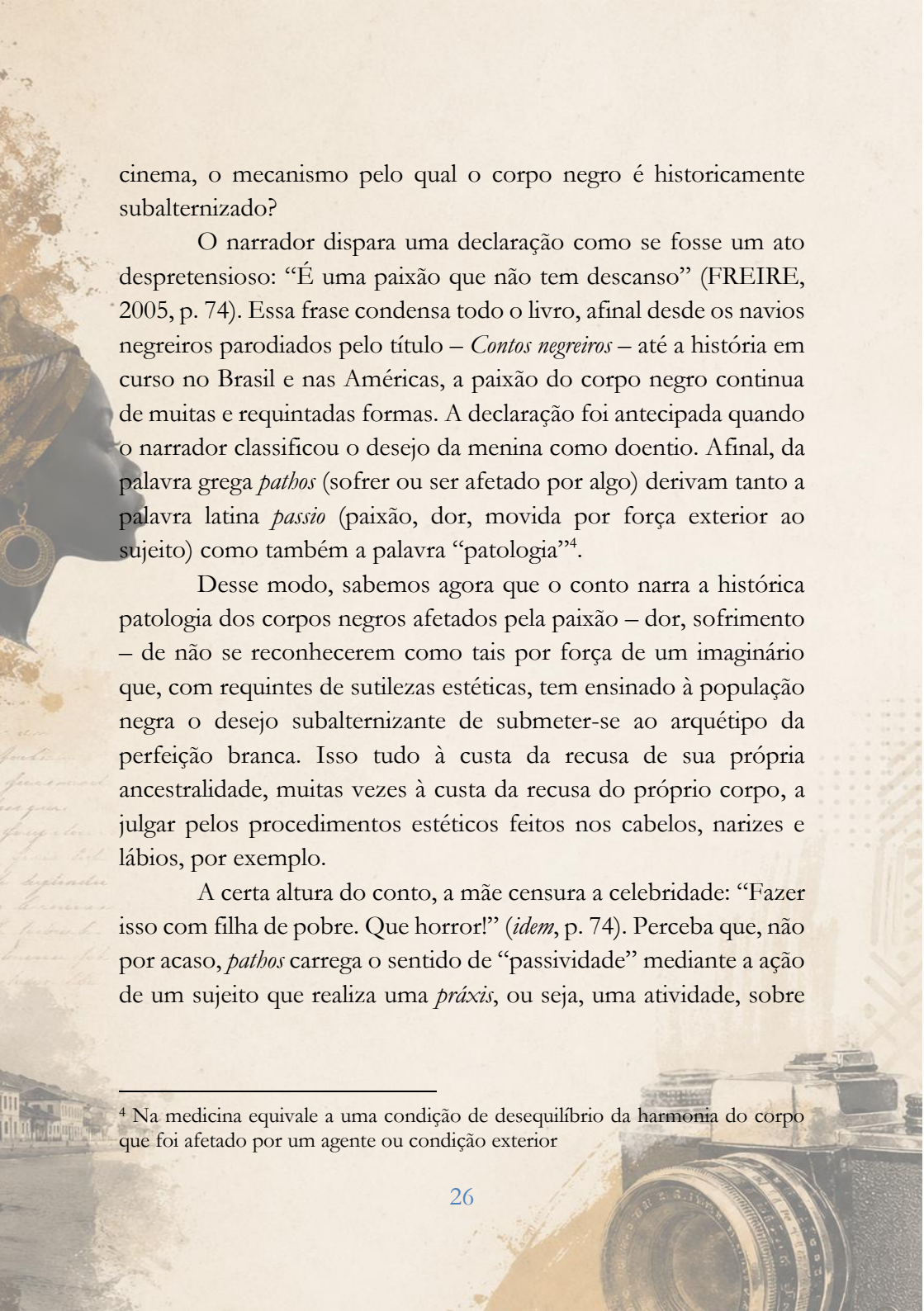
Pathos vs Práxis



Marcelino aponta para o audiovisual, recurso pelo qual o efeito do mito branco se faz sentir ainda mais forte. Nesse caso, a menina e a mãe assistiam ao filme ou assistiam a rainha² Ou o cinema, como produto cultural, exerce uma dupla regência³? Seria o discurso da realeza e da pureza brancas, que é tão presente no

² Não deixe escapar a dupla regência do verbo “assistir”

³ O trocadilho com o verbo “reger” insinua o controle exercido pelo mito da pureza e inocência brancas, mas também pela indústria cultural – o que inclui o cinema –, sobre o imaginário da sociedade.



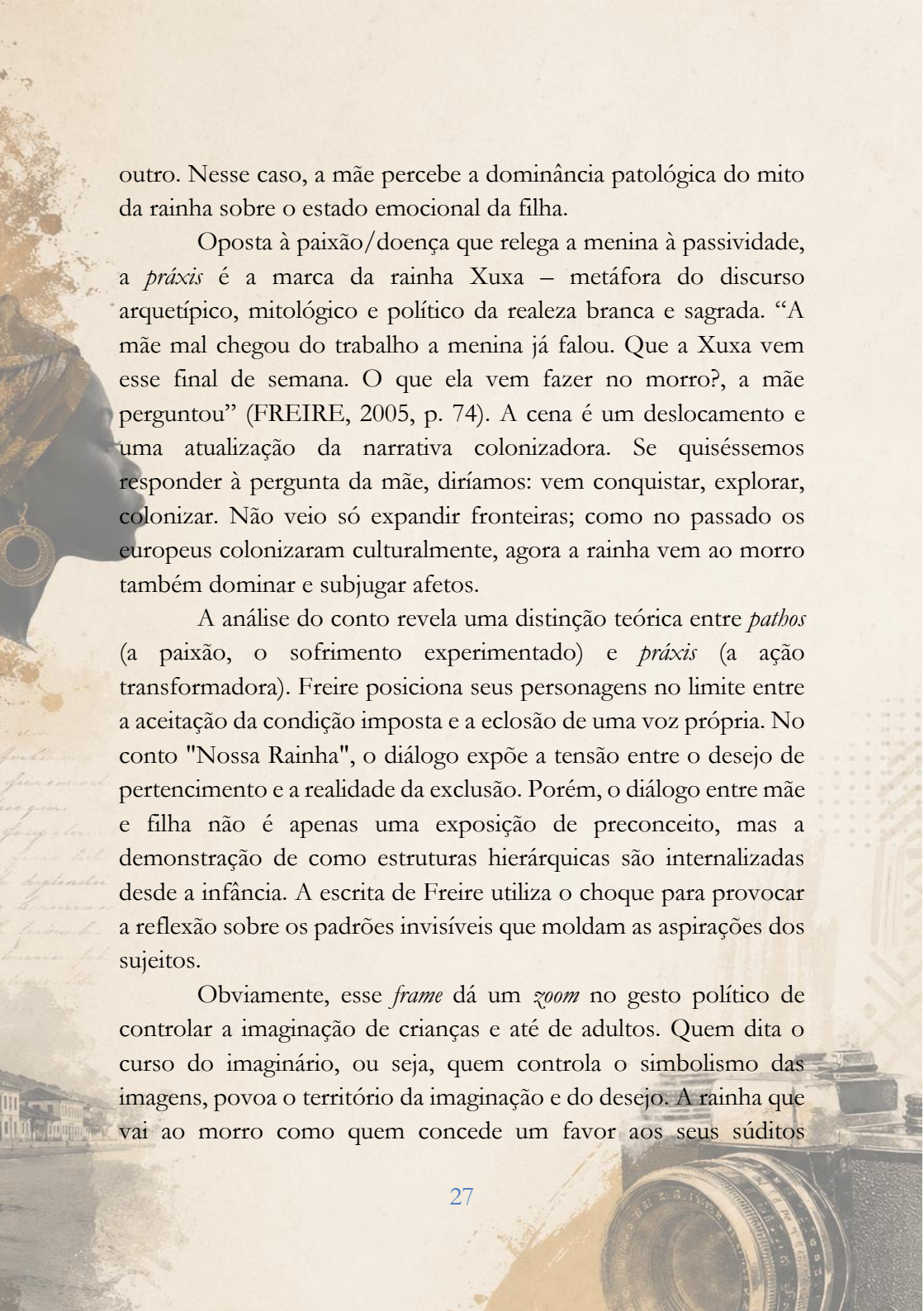
cinema, o mecanismo pelo qual o corpo negro é historicamente subalternizado?

O narrador dispara uma declaração como se fosse um ato desprezioso: “É uma paixão que não tem descanso” (FREIRE, 2005, p. 74). Essa frase condensa todo o livro, afinal desde os navios negreiros parodiados pelo título – *Contos negreiros* – até a história em curso no Brasil e nas Américas, a paixão do corpo negro continua de muitas e requintadas formas. A declaração foi antecipada quando o narrador classificou o desejo da menina como doentio. Afinal, da palavra grega *pathos* (sofrer ou ser afetado por algo) derivam tanto a palavra latina *passio* (paixão, dor, movida por força exterior ao sujeito) como também a palavra “patologia”⁴.

Desse modo, sabemos agora que o conto narra a histórica patologia dos corpos negros afetados pela paixão – dor, sofrimento – de não se reconhecerem como tais por força de um imaginário que, com requintes de sutilezas estéticas, tem ensinado à população negra o desejo subalternizante de submeter-se ao arquétipo da perfeição branca. Isso tudo à custa da recusa de sua própria ancestralidade, muitas vezes à custa da recusa do próprio corpo, a julgar pelos procedimentos estéticos feitos nos cabelos, narizes e lábios, por exemplo.

A certa altura do conto, a mãe censura a celebridade: “Fazer isso com filha de pobre. Que horror!” (*idem*, p. 74). Perceba que, não por acaso, *pathos* carrega o sentido de “passividade” mediante a ação de um sujeito que realiza uma *práxis*, ou seja, uma atividade, sobre

⁴ Na medicina equivale a uma condição de desequilíbrio da harmonia do corpo que foi afetado por um agente ou condição exterior



outro. Nesse caso, a mãe percebe a dominância patológica do mito da rainha sobre o estado emocional da filha.

Oposta à paixão/doença que relega a menina à passividade, a *práxis* é a marca da rainha Xuxa – metáfora do discurso arquetípico, mitológico e político da realeza branca e sagrada. “A mãe mal chegou do trabalho a menina já falou. Que a Xuxa vem esse final de semana. O que ela vem fazer no morro?, a mãe perguntou” (FREIRE, 2005, p. 74). A cena é um deslocamento e uma atualização da narrativa colonizadora. Se quiséssemos responder à pergunta da mãe, diríamos: vem conquistar, explorar, colonizar. Não veio só expandir fronteiras; como no passado os europeus colonizaram culturalmente, agora a rainha vem ao morro também dominar e subjugar afetos.

A análise do conto revela uma distinção teórica entre *pathos* (a paixão, o sofrimento experimentado) e *práxis* (a ação transformadora). Freire posiciona seus personagens no limite entre a aceitação da condição imposta e a eclosão de uma voz própria. No conto "Nossa Rainha", o diálogo expõe a tensão entre o desejo de pertencimento e a realidade da exclusão. Porém, o diálogo entre mãe e filha não é apenas uma exposição de preconceito, mas a demonstração de como estruturas hierárquicas são internalizadas desde a infância. A escrita de Freire utiliza o choque para provocar a reflexão sobre os padrões invisíveis que moldam as aspirações dos sujeitos.

Obviamente, esse *frame* dá um *zoom* no gesto político de controlar a imaginação de crianças e até de adultos. Quem dita o curso do imaginário, ou seja, quem controla o simbolismo das imagens, povoa o território da imaginação e do desejo. A rainha que vai ao morro como quem concede um favor aos seus súditos

mobiliza a mesma paixão – passividade afetiva imposta de fora – que já submetia os corpos negros diante da Sinhá, a rainha do mundo branco colonial, segundo a narrativa colonizadora da história das américas.

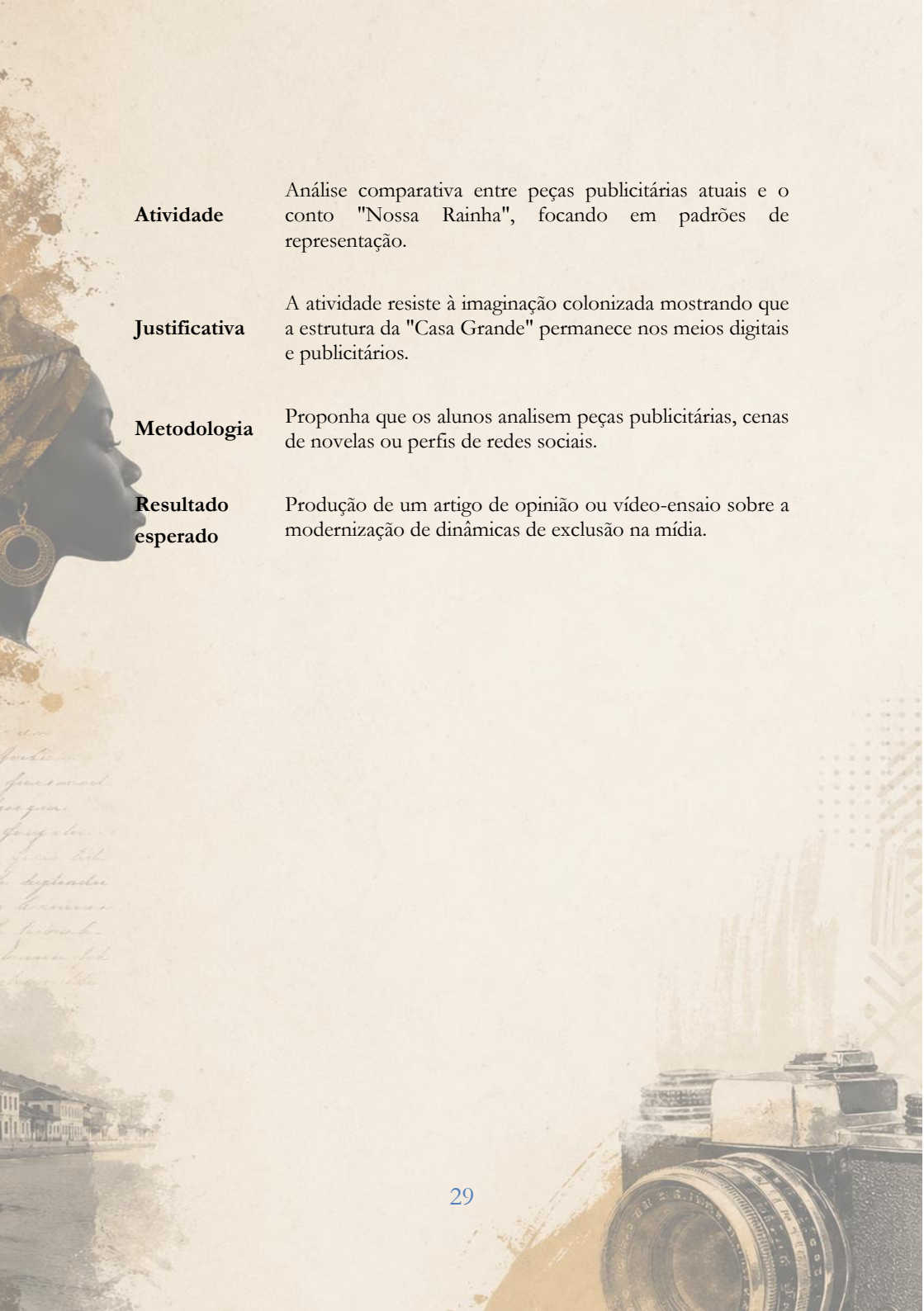
Prática de didática: análise de discursos midiáticos

Título da atividade: Da Periferia à Sala da Sinhá

Objetivo: reconhecer e problematizar estereótipos reproduzidos na mídia contemporânea e na publicidade. O foco deve ser identificar a "Sinhá contemporânea": aquela que dita padrões de beleza, comportamento e consumo, enquanto os corpos negros aparecem apenas como "cenário", "apoio" ou "servidão estética"

A quem interessa: professores de História, de Sociologia e de Artes.

Referência	Detalhamento
BNCC	EM13LGG401, EM13CHS102 - Analisar criticamente discursos de diferentes campos (jornalístico, publicitário, político, artístico, acadêmico etc.), considerando seus contextos de produção e circulação, seus recursos linguísticos e multimodais e seus efeitos de sentido; identificar, analisar e discutir a formação de identidades e memórias nas sociedades, reconhecendo os conflitos, os elementos de continuidade e mudança e os diferentes agentes envolvidos na produção e preservação dessas narrativas
Legislação	Lei nº 12.288/10 (Estatuto da Igualdade Racial) e Lei nº 11.645/08.



Atividade

Análise comparativa entre peças publicitárias atuais e o conto "Nossa Rainha", focando em padrões de representação.

Justificativa

A atividade resiste à imaginação colonizada mostrando que a estrutura da "Casa Grande" permanece nos meios digitais e publicitários.

Metodologia

Proponha que os alunos analisem peças publicitárias, cenas de novelas ou perfis de redes sociais.

Resultado esperado

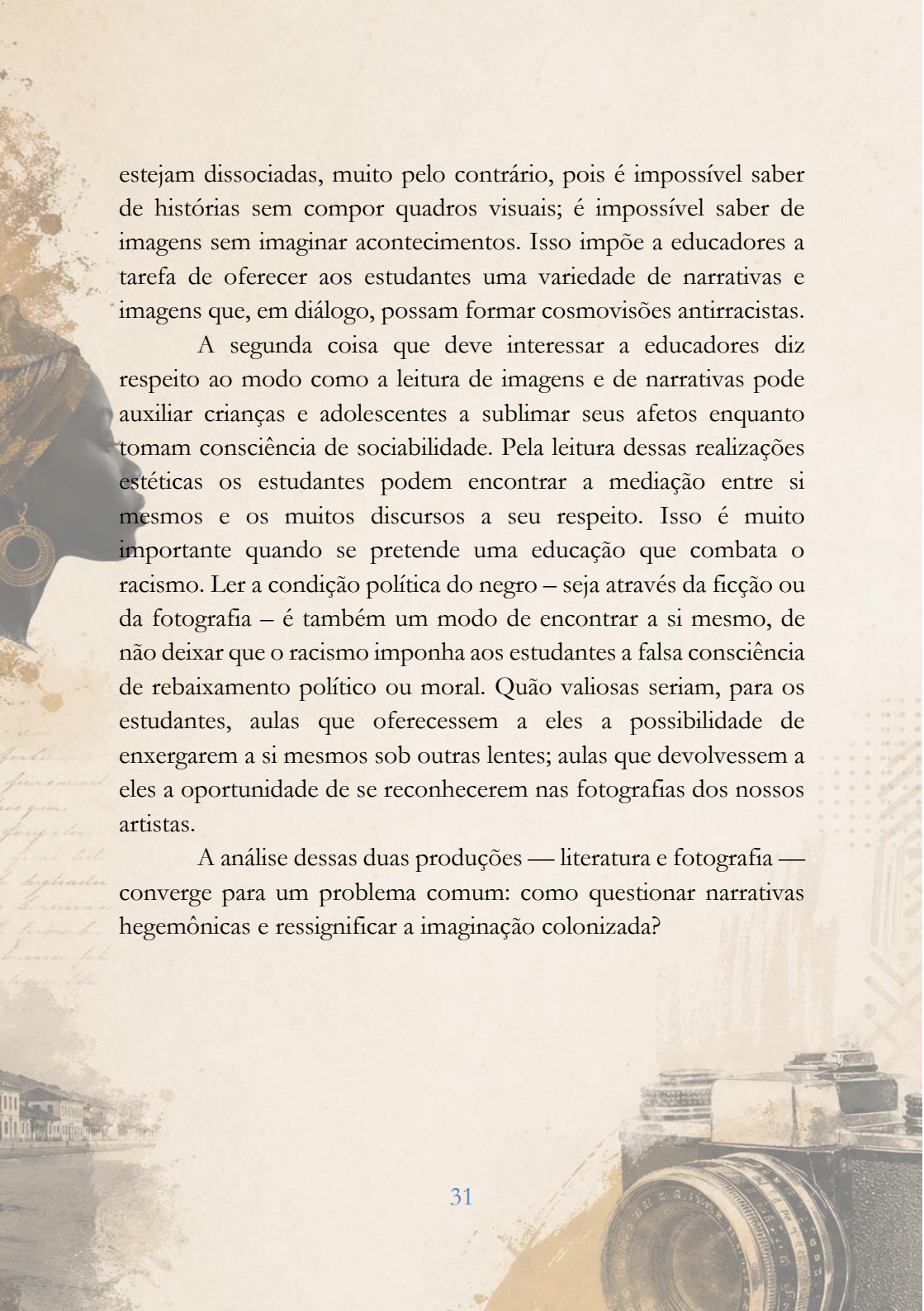
Produção de um artigo de opinião ou vídeo-ensaio sobre a modernização de dinâmicas de exclusão na mídia.

Sob outra lente

A fotografia escreve – grava (ou crava) – a imagem na retina como quem paralisa o instante. É uma operação que procura a descontinuidade e a pausa até que se reconheça na imagem uma inscrição, um registro do que não se pode ver com naturalidade de olhar humano. Se a literatura trabalha com sequências ou sucessões, a fotografia trabalha com contiguidade ou simultaneidade. A estética da imagem tem a ver com o enquadramento da cena, com a distribuição dos elementos dentro de planos e perspectivas.

Leitores de literatura raramente conseguem registrar na memória todos os detalhes da narrativa, ainda que ela seja breve como um conto. Talvez por isso, muitos narradores trocam a velocidade da narração ou do diálogo – como a que vimos em Marcelino Freire – pela descrição demorada. Isso significa uma ponte entre as duas artes, ou seja, a vontade da literatura de também registrar e fixar imagens, quadros. A seu modo, a fotografia também pode contar histórias. Uma imagem pode ensinar memórias e longos fios narrativos que interrogam o porquê daquela cena. Fotografar não é retirar o acontecimento do tempo, mas sim entrar demoradamente no tempo do acontecimento até conseguirmos ler aquele instante que está diante dos olhos. Nesse cruzamento interartes, duas coisas interessam mais aos educadores que entendem seu ofício como uma tarefa ética.

A primeira delas é o fato de que as crianças e adolescentes serem facilmente seduzidos por essas duas experiências – a narrativa, capaz de ordenar o tempo; a imagem, capaz de ordenar o espaço. A dupla sedução dessas experiências não significa que elas



estejam dissociadas, muito pelo contrário, pois é impossível saber de histórias sem compor quadros visuais; é impossível saber de imagens sem imaginar acontecimentos. Isso impõe a educadores a tarefa de oferecer aos estudantes uma variedade de narrativas e imagens que, em diálogo, possam formar cosmovisões antirracistas.

A segunda coisa que deve interessar a educadores diz respeito ao modo como a leitura de imagens e de narrativas pode auxiliar crianças e adolescentes a sublimar seus afetos enquanto tomam consciência de sociabilidade. Pela leitura dessas realizações estéticas os estudantes podem encontrar a mediação entre si mesmos e os muitos discursos a seu respeito. Isso é muito importante quando se pretende uma educação que combata o racismo. Ler a condição política do negro – seja através da ficção ou da fotografia – é também um modo de encontrar a si mesmo, de não deixar que o racismo imponha aos estudantes a falsa consciência de rebaixamento político ou moral. Quão valiosas seriam, para os estudantes, aulas que oferecessem a eles a possibilidade de enxergarem a si mesmos sob outras lentes; aulas que devolvessem a eles a oportunidade de se reconhecerem nas fotografias dos nossos artistas.

A análise dessas duas produções — literatura e fotografia — converge para um problema comum: como questionar narrativas hegemônicas e ressignificar a imaginação colonizada?

Algumas coisas são mais urgentes

Abaixo, “A mulher e suas ‘filhas’”⁵, de Walter Firmo, nos permite um breve exercício de leitura cujo propósito é saber quais histórias estão inscritas nessa imagem. Como quem precisa “segurar” os olhares logo no primeiro contato, Firmo registra o máximo que pode em um *zoom* que faz o primeiro plano da imagem saltar sobre o leitor. Técnica apurada para fazer com que a imagem altere o senso de harmonia e proporcionalidade das convenções artísticas tradicionais. É como se a imagem gritasse: “nem tudo na vida pode esperar, alguns problemas são mais urgentes e eles têm a ver com você”.



⁵ Clique na imagem para acessar a página do Instituto Moreira Salles.

O primeiro plano captura os ombros, a nuca e o cabelo de uma mulher negra que ocupa o centro da fotografia. Ela está posta entre os demais elementos da cena como um meridiano que separa dos hemisférios, ao mesmo tempo como coluna que sustenta um mundo enquanto equilibra a si mesma, já que ambos os braços estão junto ao corpo, ocupados por suas “filhas”.

Os ombros à mostra conferem força e volume ao corpo feminino, não à toa ocupam toda a horizontalidade da fotografia. As formas arredondadas estão nos mesmos ombros, mas também numa rápida silhueta do rosto que se deixa à mostra. Sobre essa base robusta uma vasta cabeleira crespa salta aos olhos. A luz que incide

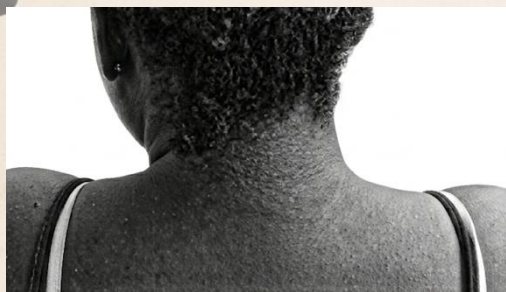


Imagem editada para destacar detalhes.

do alto e à direita captura ainda a textura da pele da mulher. Pele e cabelo formam um conjunto visual que, de alto a baixo na imagem, comunicam abundância, exuberância e força. O *zoom* é sinestésico, pois permite “tocar” a imagem; sentir a temporalidade e a ancestralidade inscritas no corpo da mulher. Uma história de africanidades pujantes é contada em branco e preto. Nas palavras de Walter Firmo: “Na verdade, a sedução preto-e-branco é o sentimento constante de um estado de exílio, quando não estamos, não somos”⁶

Não é só um corpo representado, mas simbolicamente é também um arquivo que narra os novos modos pelos quais se tenta

⁶ Walter Firmo *apud* WANDERLEY, 2023.

colonizar a existência dos negros no Brasil. Note que o corpo feminino negro num primeiro plano de perspectiva expressa um grito que ainda hoje precisa ser ouvido. Walter Firmo consegue o enquadramento perfeito capaz de mostrar a tensão entre a narrativa racista e a luta pelo reconhecimento das africanidades resistentes que, desde a África até as américas, contam uma história de orgulho, virtude e autoafirmação. O repositório dessa tensão é a imagem do corpo negro.

O exílio presente

Não há contato com os olhos dessa mulher, não conhecemos o seu rosto, o que constrói uma poderosa metáfora da invisibilidade política. A metáfora denuncia a mitologia racista brasileira, que impõe a tese de que “todo preto é igual” aos demais e tudo que vale reconhecer nele é a cor da pele e o cabelo. Ainda hoje o racismo proíbe o olhar: se o preto olha é porque está com inveja; está cobiçando; é insolente; é abusado; está querendo roubar.

A fotografia de Walter Firmo dá expressão poética ao problema político inegável: o corpo negro só pode ser admitido socialmente quando esvaziado de dignidade e



reduzido a uma sexualidade objetável ou a uma ameaça a ser repelida pela violência.

Mas a focalização coloca o leitor a poucos passos dessa mulher, isso lhe permite olhar junto com ela. O olhar da mulher e o do leitor convergem para o mesmo ponto; para a quitanda⁷. No léxico atual, a palavra se refere a um pequeno comércio, mas sua etimologia remete aos tabuleiros das vendedoras ambulantes de hortifrúti. Muito valioso é o fato de o nome desse comércio popular para onde a mulher aponta os olhos ser grafado em língua quimbundo: *kitanda*. Esse detalhe sobrepõe temporalidades. Não há na imagem apenas uma mulher na periferia de uma cidade, há também uma filha da África exilada de sua ancestral dignidade e confrontada pelo trabalho de memória que convida a não esquecer do comércio varejista predatório a que foram – e ainda são – submetidas. Segundo Sérgio Burgi,

diante da vasta produção de Walter Firmo e das inúmeras manifestações de seu pensamento, tanto em seus textos publicados como nas entrevistas que concedeu, percebe-se claramente aquilo que efetivamente estrutura e dá corpo a sua obra ao longo de toda a sua trajetória: não simplesmente a cor, mas sim a sua negra cor. Aquela que expressa, tanto em sua potência cromática plena, em suas imagens coloridas, como também em sua ausência absoluta, nas poderosas imagens em preto e branco que realiza (a maioria delas ainda inédita), uma prática autoral, criativa e engajada, que busca de forma permanente a visibilização e valorização daqueles que descendem da

⁷ No quimbundo, a grafia da palavra é *kitanda*. Clique na imagem para acessar um glossário produzido pelo Governo Federal em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

violenta diáspora africana que marca e conforma inescapavelmente passado, presente e futuro deste país, tecendo assim, de modo contínuo, “no verbo do silêncio a síntese do grito” (BURGI, 2022, p. 10).

Em uma primeira leitura, o primeiro sentido é o de que essa mulher representa a precariedade financeira, o que sugere um olhar de quem é privado de recursos, de quem deseja ter vestidos, mas não consegue comprá-los. Mas também é possível admitir para esse olhar um sentido de exílio, isso se considerarmos os vestidos não apenas como objetos de consumo, mas como atualização simbólica das roupas africanas ancestrais das quais os exilados e escravizados foram despidos. Obviamente, ser despido das roupas é metáfora da violenta nudez cultural que foi imposta ao negro da diáspora atlântica.

Perceba que a fotografia de Walter Firmo reconta a história e desmonta o mito colonizador, pois o que ele captura não é apenas pobreza, é exílio. Negros brasileiros, ainda que morem no Brasil vivem sob exílio simbólico, pois as práticas racistas que naturalizaram o tráfico humano no passado agora naturalizam a exclusão socioeconômica. Negros brasileiros ainda lutam para retomarem simbolicamente as suas vestes antigas enquanto olham roupas na *kitanda*.

Prática didática: consumo, identidade e território

Título da atividade: Xuxa no morro – etimologia e território

Objetivo: Compreender o território como um espaço de diversidade cultural ao analisar a etimologia e o sentido político da periferia frente à invasão simbólica da "realza branca".

A quem interessa: professores de Língua Portuguesa, de História e de Geografia.

Referência	Detalhamento
BNCC	EM13CHS101; EM13LP03 - Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas sobre processos sociais, culturais, políticos, econômicos e ambientais; analisar, em textos de diferentes gêneros e mídias, como as práticas de linguagem participam da construção da vida social, da representação da realidade e da negociação de sentidos.
Legislação	Lei 10.639/03 e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais Diretrizes (DCNERER 2004)
Atividade	Mapeamento das fachadas do comércio local e análise da oferta de produtos que contemplem a diversidade étnico-racial (estética, alimentação, etc.).
Justificativa	Leitura crítica da paisagem linguística e dos sentidos atribuídos ao território
Metodologia	Os participantes podem procurar por palavras de origem africana em fachadas comerciais. Lojas de vestuário; de estética negra e intervenções artísticas podem ser encontradas no bairro.

**Resultado
esperado**

Pertencimento e análise crítica das representações identitárias.

A pergunta que exige resposta

Mas, como já podemos perceber, há outros olhos além dos da mulher e estes estão voltados para o próprio leitor. Ninguém ignora para onde aponta o olhar da menina e nem sua intencionalidade expressiva. Ela não é passiva diante da lente de Firmo, não tenta atrair o *click* com uma pose ensaiada, em vez disso, ela devolve a mirada interpelativa. Repentinamente, ela também registra e recolhe para si os olhares do fotógrafo e do leitor da imagem, como se perguntasse: “depois de me ver você continuará



só olhando?”. Firmo registrou uma dialética de extrema força política: o rosto e as costas; a menina e a mulher; o presente e o passado; o ver e o ser visto.

Quando a mãe olha o presente – a *kitanda* – está, embora não o saiba, de frente com seu passado. É o passado que está a sua frente; atrás está o instante presente da fotografia. De certo modo isso significa que politicamente e afetivamente o passado não passou por completo, que a memória ainda registra a injustiça e a espoliação. Entre a *kitanda* – o tabuleiro das mulheres negras varejistas – e a lente da câmera, a menina também está no entretempo, restando a

ela separar-se cada vez mais do presente, pois a mãe mira o passado e a carrega consigo.

Não fosse o registro de Firmo, a fotografia paralisando o tempo, o agora estaria politicamente perdido. O olhar da menina nos interpela, nos pergunta o que foi feito do seu direito de viver neste tempo; ela nos indaga acerca do que vamos fazer para impedir que novos e mais sofisticados mecanismos de exclusão a condenem ao passado colonial. O que será feito para colocar fim a este exílio?

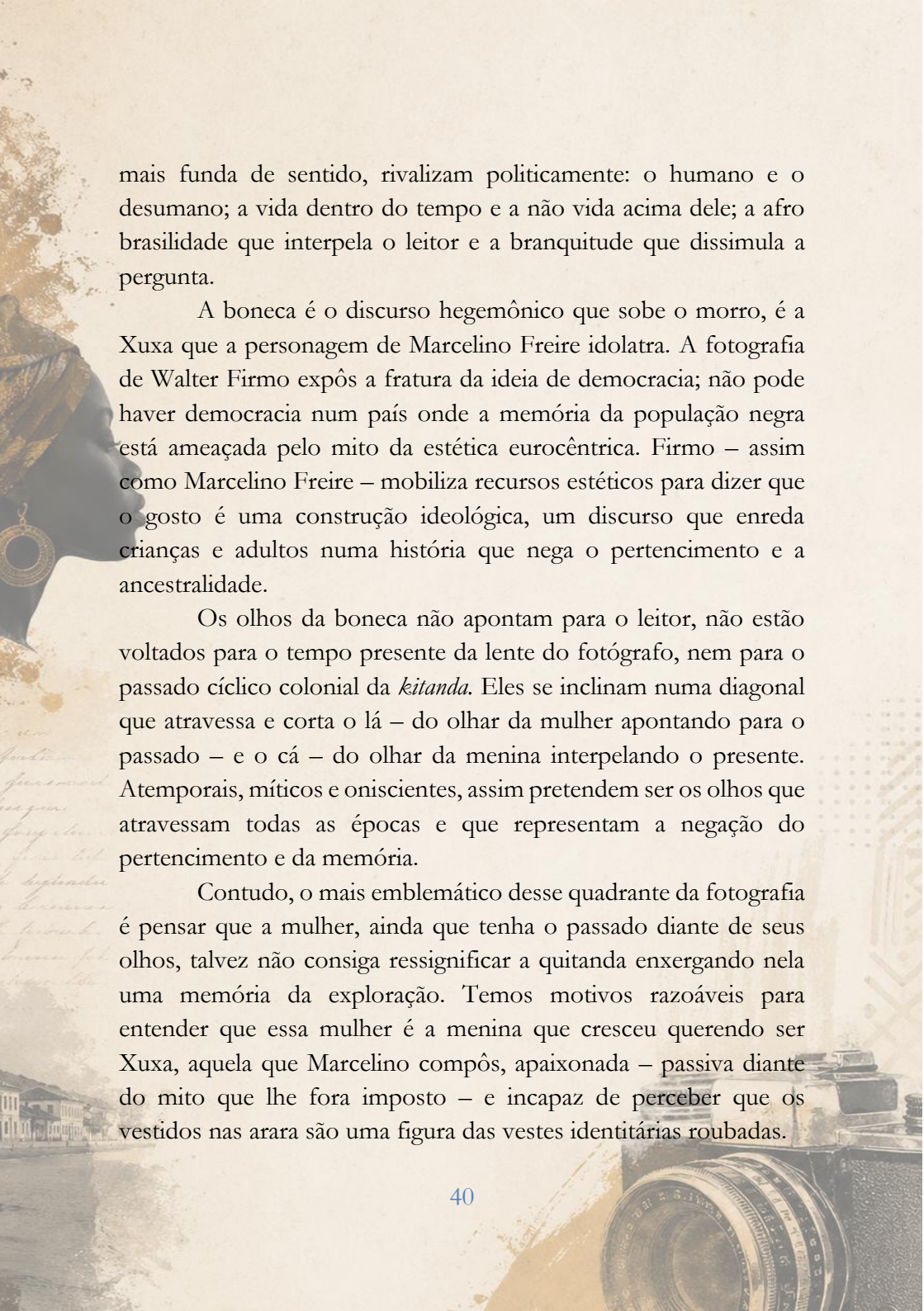
Xuxa no morro

À direita da imagem uma presença se impõe como um espectro que une o passado colonial ao presente. É uma presença, não um corpo; não há pele, a textura é a de uma superfície tratada pela indústria, não pelo tempo. Essas duas características já mostram que se trata de um objeto isento da singularidade do corpo humano.

Na imagem, a boneca sem cabelos contrasta com a cabeleira da mulher, o que produz um signo de desumanidade, impessoalidade e reiteração. A boneca, portanto, é signo de um discurso que não promove o humano, não leva em conta individualidades e nem está circunscrita ao tempo humano, pois outras tantas podem ser confeccionadas por máquinas autônomas em larga escala.

Essa leitura é coerente com o fato de a boneca estar no lado oposto ao da criança – existências antagônicas que, numa camada





mais funda de sentido, rivalizam politicamente: o humano e o desumano; a vida dentro do tempo e a não vida acima dele; a afro brasilidade que interpela o leitor e a branquitude que dissimula a pergunta.

A boneca é o discurso hegemônico que sobe o morro, é a Xuxa que a personagem de Marcelino Freire idolatra. A fotografia de Walter Firmo expôs a fratura da ideia de democracia; não pode haver democracia num país onde a memória da população negra está ameaçada pelo mito da estética eurocêntrica. Firmo – assim como Marcelino Freire – mobiliza recursos estéticos para dizer que o gosto é uma construção ideológica, um discurso que enreda crianças e adultos numa história que nega o pertencimento e a ancestralidade.

Os olhos da boneca não apontam para o leitor, não estão voltados para o tempo presente da lente do fotógrafo, nem para o passado cíclico colonial da *quitanda*. Eles se inclinam numa diagonal que atravessa e corta o lá – do olhar da mulher apontando para o passado – e o cá – do olhar da menina interpelando o presente. Atemporais, míticos e oniscientes, assim pretendem ser os olhos que atravessam todas as épocas e que representam a negação do pertencimento e da memória.

Contudo, o mais emblemático desse quadrante da fotografia é pensar que a mulher, ainda que tenha o passado diante de seus olhos, talvez não consiga ressignificar a quitanda enxergando nela uma memória da exploração. Temos motivos razoáveis para entender que essa mulher é a menina que cresceu querendo ser Xuxa, aquela que Marcelino compôs, apaixonada – passiva diante do mito que lhe fora imposto – e incapaz de perceber que os vestidos nas arara são uma figura das vestes identitárias roubadas.

Prática didática: o brinquedo como objeto semiótico

Título da atividade: O inventário das prateleiras

Objetivo: Analisar como produtos e brinquedos expostos no comércio local revelam padrões de representação étnico-racial.

A quem interessa: Professores de Língua Portuguesa; de Sociologia; de História e de Artes.

Campo	Detalhamento
BNCC	EM13CHS101; EM13LP03 - Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas sobre processos sociais, culturais, políticos, econômicos e ambientais; analisar, em textos de diferentes gêneros e mídias, como as práticas de linguagem participam da construção da vida social, da representação da realidade e da negociação de sentidos.
Legislação	Lei 10.639/03 e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais Diretrizes (DCNERER 2004)
Atividade	Visitar comércios locais para realizar um censo de diversidade, analisando quantidade, preço e posicionamento de bonecas negras e brancas.
Justificativa	A atividade permitirá compreender como a estética comercial e o consumo estruturam percepções de identidade e pertencimento.
Metodologia	Observação direta, registro fotográfico, categorização de produtos e debate orientado com participação de mulheres da comunidade que relatem memórias de seus brinquedos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz. (org.) **Questão de Pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito**. Curadoria de Sergio Burgi. Rio de Janeiro: IMS, 2022. Catálogo de exposição.

RIBEIRO, Ana Elisa. Multiletramentos e multimodalidade: vozes em trânsito no Brasil. In: SANTOS, Záira Bomfante dos; GUALBERTO, Clarice Lage (org). **Semiótica Social e multimodalidade: um tributo a Gunther Kress**. Vitória, ES : Edufes, 2023.

WANDERLEY, Andrea. **Dossiê Walter Firmo**. Testemunha Ocular, 2023. Disponível em: <https://testemunhaocular.ims.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Dossie-Walter-Firmo-por-Andrea-Wanderley.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2025.

WANDERLEY, Andrea C. T. **A porção mulher de Firmo**. Testemunha Ocular, Rio de Janeiro, 26 nov. 2025. Disponível em: <https://testemunhaocular.ims.com.br/2025/11/26/a-porcao-mulher-de-firmo/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

